







1ª TURMA DE

MEDICINA







**Presidente da Liga de Ensino do RN e Chanceler:**

Manoel de Medeiros Britto

**Reitor:**

Daladier Pessoa Cunha Lima

**Vice-reitora:**

Angela Guerra Fonseca

**Pró-reitora Acadêmica:**

Fátima Cristina Menezes

**Pró-reitor Administrativo-Financeiro:**

Mário Henrique Cardoso de Sá Leitão

**Coordenador de Marketing**

Allan Matheus de Almeida

**Analista de Marketing:**

Paul Allison Oliveira Celestino Costa

**Assessora de Comunicação:**

Zilene dos Santos Costa

**Fotografias:**

Luana Tayze

**Revisão Textual:**

Helry Costa da Silva

**Design:**

FIRENZZE

**Catálogo na Publicação - Biblioteca UNI-RN - Setor de Processos Técnicos**

Bibliotecária responsável - Larissa Inês da Costa (CRB 15/657)

---

Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

Sonho: aula magna – curso de Medicina do UNI-RN, 25 de setembro de 2025 / Centro Universitário do Rio Grande do Norte; Palestrantes: Daladier Pessoa Cunha Lima e Stone Sam Nogueira do Nascimento. Organizador: Allan Matheus de Almeida. – Natal: UNI-RN, 2026.  
88 p. : il. color.

Material produzido com os discursos e fotos da aula magna do curso de Medicina da turma 1, 2025.  
ISBN (Digital): 978-85-63455-74-1.

1. Medicina – Ensino superior. 2. Educação médica. 3. Humanismo na medicina. 4. Aula magna. 5. UNI-RN – Curso de Medicina. I. Lima, Daladier Pessoa Cunha. II. Nascimento, Stone Sam Nogueira do. III. Almeida, Allan Matheus de. IV. Título.



sonho

Aula Magna

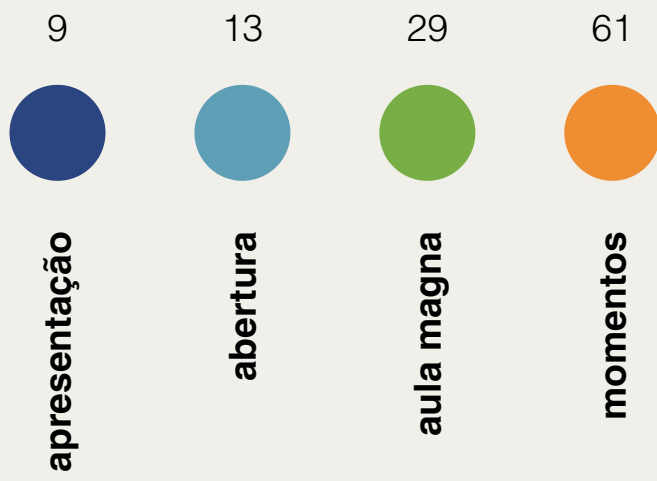
Curso de Medicina do UNI-RN

25 de setembro de 2025









*a*

**apresentação** ←  
abertura  
aula magna  
momentos

*apresentação* **apresentação**

1.

# Medi

*"Medicina é um ofício que exige  
muito amor ao próximo e vontade de  
refazer alegrias e esperanças"*

**Professor Daladier Pessoa Cunha Lima**



# Medicina

Há mais de 20 anos, o UNI-RN alimentava um grande sonho: oferecer o curso de Medicina. Um desejo institucional, inspirado e motivado pelo reitor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, professor Daladier Pessoa Cunha Lima.

Durante anos, o projeto enfrentou grandes desafios. A análise rigorosa do MEC exigia avanços contínuos, mas, a cada obstáculo, o UNI-RN se fortalecia: investiu em estrutura, construiu um hospital simulado moderno e firmou parcerias com hospitais e unidades de saúde.

Em julho de 2025, o sonho tornou-se realidade. O UNI-RN recebeu a autorização para o curso de Medicina, com 240 vagas anuais e nota máxima do MEC. Uma vitória coletiva, conquistada com dedicação e propósito.

Mais do que um curso, é um compromisso com a saúde e o futuro do Rio Grande do Norte.

O UNI-RN reafirma sua missão de formar profissionais que transformarão vidas.





abertura *abertura* abertura

2.



# Professor Daladier Cunha Lima

Reitor do UNI-RN







Pessoa

ma



AULA MAGNA  
**MEDICINA**  
UNI-RN



# Discurso de abertura

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA • REITOR DO UNI-RN

*“Um sonho que persistiu por mais  
de um quarto de século”.*

A large, stylized, handwritten signature in black ink, oriented vertically. The signature appears to read 'Noilde Ramalho'.

É com um profundo sentimento de realização histórica e imensa alegria que hoje me dirijo a todos.

Estamos aqui não apenas para inaugurar um semestre letivo, mas para celebrar a materialização de um sonho.

Um sonho que persistiu por mais de um quarto de século.

Há 26 anos, quando esta instituição dava seus primeiros passos, eu já via o horizonte desta noite.

Iluminado pelo Espírito Santo, do qual era devota a nossa querida professora Noilde Ramalho, esse sonho era também nutrido pela tenacidade da vice-reitora, professora Angela Guerra, e por todos os pioneiros que construíram, tijolo a tijolo, a história desta casa de ensino que prima pela qualidade.

Esse sonho foi incentivado ao longo das décadas por muitas mãos, corações e mentes.

Entre aqueles que iniciaram conosco, destaco a pró-reitora acadêmica Fátima Cristina de Lara Menezes e os estimados professores Alcyr Veras, Tereza Neuma de Castro Dantas e Stênio Go-







mes Silveira; e por todos que chegaram depois, somando forças e acreditando no quase impossível.

Nesse longo caminho, contamos com um apoio fundamental, um aliado inquebrantável: o irrestrito e decisivo suporte do presidente da Liga de Ensino do RN, Dr. Manoel de Medeiros Brito. Dr. Manoel, em nome de toda a comunidade acadêmica, expressamos nosso mais profundo e sincero agradecimento. Esta conquista é também sua.

E eis que, finalmente, o sonho se fez realidade.

E ele tem o rosto de cada um de vocês: os primeiros acadêmicos de Medicina do UNI-RN, os professores e coordenadores — neste caso, o professor Aldo da Cunha Medeiros e professora Romei-  
ca Cunha Lima Rosado.

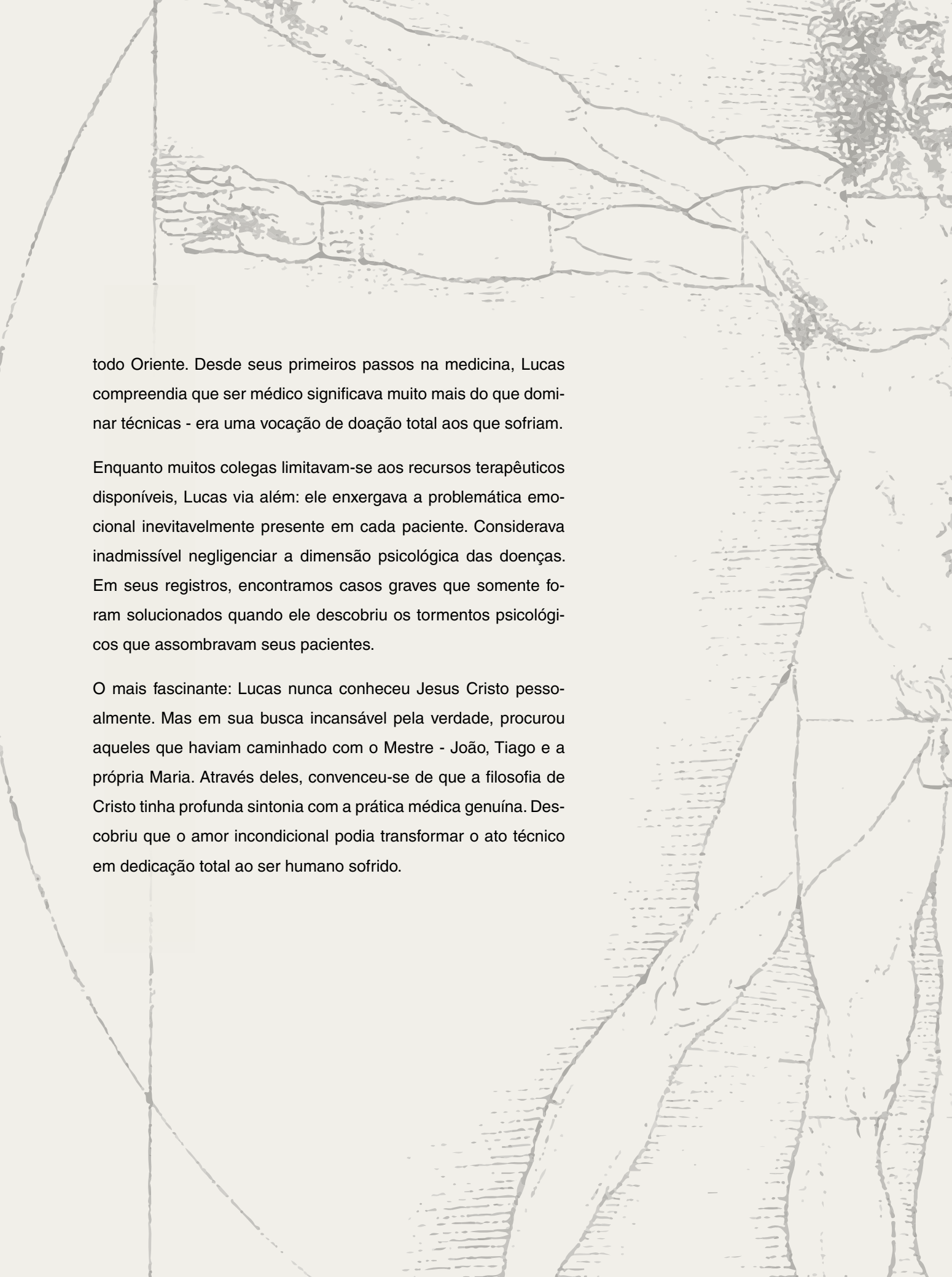
Vocês são a resposta a 26 anos de espera e trabalho.

Mas, com essa honra, vem uma responsabilidade colossal.

E é sobre a essência dessa responsabilidade que gostaria de refletir com vocês nesta Aula Magna que será ministrada pelo Dr. Stone Sam, Residente em Clínica Médica na USP.

Para isso, recuemos no tempo, até a Antiguidade, para buscar inspiração em um homem extraordinário: Lucas, o Evangelista.

Permitam-me transportá-los para a história deste homem notável. Imaginem um jovem sírio, nascido na multicultural Antióquia, que cruzava os desertos para se formar na prestigiosa escola de medicina de Alexandria, o maior centro do conhecimento médico de



todo Oriente. Desde seus primeiros passos na medicina, Lucas compreendia que ser médico significava muito mais do que dominar técnicas - era uma vocação de doação total aos que sofriam.

Enquanto muitos colegas limitavam-se aos recursos terapêuticos disponíveis, Lucas via além: ele enxergava a problemática emocional inevitavelmente presente em cada paciente. Considerava inadmissível negligenciar a dimensão psicológica das doenças. Em seus registros, encontramos casos graves que somente foram solucionados quando ele descobriu os tormentos psicológicos que assombravam seus pacientes.

O mais fascinante: Lucas nunca conheceu Jesus Cristo pessoalmente. Mas em sua busca incansável pela verdade, procurou aqueles que haviam caminhado com o Mestre - João, Tiago e a própria Maria. Através deles, convenceu-se de que a filosofia de Cristo tinha profunda sintonia com a prática médica genuína. Descobriu que o amor incondicional podia transformar o ato técnico em dedicação total ao ser humano sofrido.

Por isso mesmo, São Paulo o chamava de “o médico amado”, exaltando a condição médica como privilégio único: a oportunidade de fazer da profissão um veículo para transmitir os ensinamentos de Cristo através do cuidado integral. Para Lucas, cada consulta, cada procedimento, representava a chance de realizar um ato de doação total e amor aos menos afortunados pela sorte. Sua vida terminou como havia vivido: em doação total, morrendo como mártir em Tebas.

A história, magnificamente retratada no clássico “Médico de Homens e de Almas”, de Taylor Caldwell, nos apresenta Lucas não apenas como um santo, mas como um homem de sua época e de sua ciência.

Ele era o único apóstolo não judeu, um intelectual gentio e, acima de tudo, um médico.

E aqui eu os provoco: Daqui a alguns anos, em um plantão exaustivo, o que definirão suas mãos?

A pressa ou o cuidado?

O protocolo ou o acolhimento?

Lucas nos lembra que a técnica é o ponto de partida, nunca o destino final.

O livro nos mostra Lucas como um investigador meticuloso.

Um homem movido por uma busca incessante pela verdade.

Ele colecionava relatos, entrevistava testemunhas, checava fatos – era, em essência, um pesquisador clínico primoroso.



Imaginem São Lucas em uma enfermaria moderna. Ele certamente dominaria os mais complexos softwares de diagnóstico por imagem, mas eu pergunto a vocês: ele deixaria de ouvir e de examinar o paciente?

Deixaria de olhar nos seus olhos para buscar, para além da doença, a história de vida que aquela enfermidade interrompeu?

Ele era, sem dúvida, um médico de homens. Mas a sua grandeza reside no que ele fez com essa técnica.

Lucas não via um caso clínico; ele via uma pessoa.

Ele colocava o cuidado humano no centro de sua prática. Sua obra literária é a prova disso. Enquanto outros narram milagres, Lucas nos fala das pessoas: do bom samaritano, que é a própria parábola do cuidado ao desconhecido ferido; do filho pródigo, uma aula sobre redenção e saúde mental.

Pensem nisso: em uma era sem antibióticos, sem cirurgia robótica, sem ressonância, o que fez de Lucas um médico eternamente lembrado?

Foi sua capacidade de diagnosticar não apenas a patologia, mas a angústia que a acompanha.

Ele praticava uma medicina integral, que tratava do corpo sem jamais negligenciar o espírito. Ele era, portanto, um médico de almas.

E é essa a lição atemporal que ele deixa para vocês. A tecnologia que vocês dominarão é formidável. Dominá-la é sua obrigação.





Contudo, a obra de Caldwell nos lembra que a tecnologia é apenas uma ferramenta. Sozinha, ela é fria. Sozinha, ela não cura.

Reflitam: Um paciente terminal, um diagnóstico devastador. A máquina ofereceu todos os dados.

O que a máquina não pode dar? O conforto, a presença, a coragem para os momentos finais. Quem dará isso? Você, o médico. Você, a médica.

A mesma mão que opera deve ser capaz de segurar a mão que treme de medo.

O verdadeiro impacto da medicina está no olhar atento, na escuta empática.

O que transforma um técnico em um médico é exatamente o que Lucas personificou: a capacidade de olhar para o paciente como um todo.

Seu paciente não é um fígado com icterícia. É um pai de família assustado. Não é um pulmão com pneumonia. É uma jovem ansiosa com seus sonhos interrompidos.

A formação que buscamos oferecer aqui será incompleta se não cultivar, diariamente, o humanismo.

Que vocês possam, como Lucas, ser meticulosos na ciência e profundamente humanos no trato.

Que seu estetoscópio ouça não apenas os batimentos cardíacos, mas também as histórias não contadas.

Que suas mãos não apenas apalpem órgãos, mas também transmitam confiança e conforto.

Que seus olhos não vejam apenas doenças, mas enxerguem pessoas.

Este é o legado dos que sonharam com esta noite, uma escola de médicos humanistas.

Médicos que, como São Lucas, não separam a técnica da compaixão.

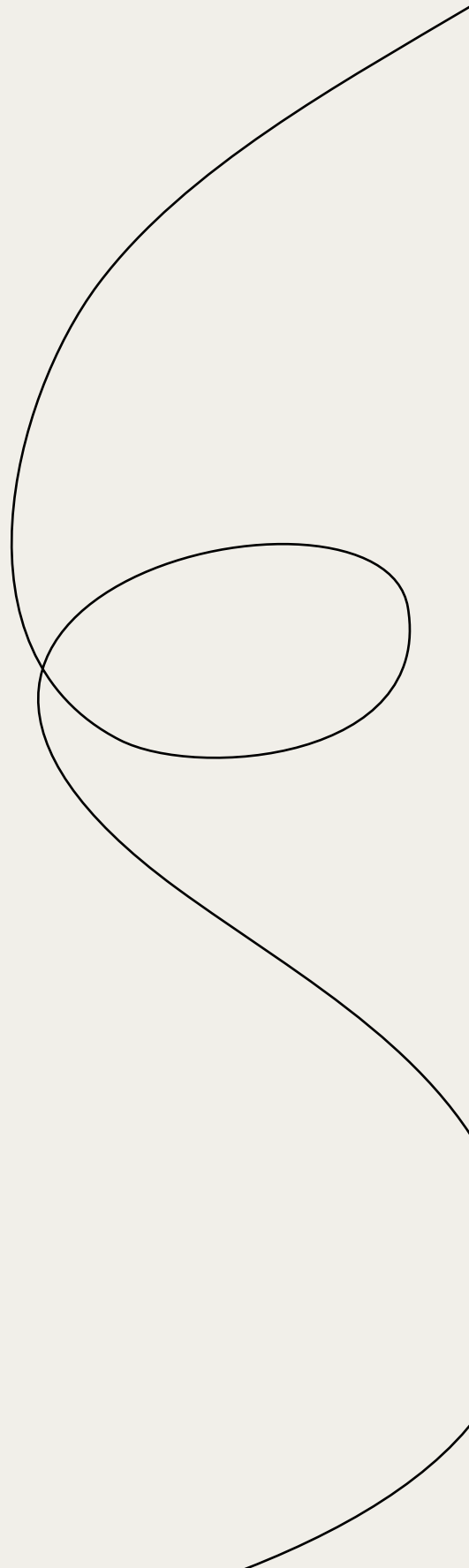
A vocês, pioneiros, deposito essa esperança. Sejam curiosos, críticos, incansáveis. Mas, acima de tudo, nunca, jamais, deixem de ser humanistas.

Daqui a seis anos, quando estiverem saindo com seu diploma, que possam carregar não apenas o conhecimento dos livros, mas a sabedoria de Lucas no coração: a de que curar é mais que tratar; é cuidar; é servir.

Sejam os Lucas do nosso tempo. Médicos de homens e de almas. Rogamos a proteção de Deus, de São Lucas e de Santa Terezi-  
nha para todos nós, extensiva ao próprio UNI-RN.

Sejam muito bem-vindos! Que suas jornadas sejam gloriosas.

Muito obrigado.









*aula.magna* aula.magna

3.









# Discurso aula magna

STONE SAM NOGUEIRA DO NASCIMENTO - MÉDICO E PROFESSOR

*Das Utopias*

*Se as coisas são inatingíveis - ora*

*Não é motivo para não querê-las...*

*Que tristes os caminhos se não fora*

*A presença distante das estrelas*

*Mário Quintana*



## Ato Um - Universo

Eu me chamo Stone Sam. Stone, como “pedra”, em inglês; ou como a maquineta do cartão, para os mais modernos. Atuo, hoje, como médico e professor, e em breve, com muita honra, devo iniciar meu ofício de docente aqui, no UNI-RN.

Sempre comento com meus estudantes que definições importam. A definição – de um vínculo, de uma doença ou de um termo vernáculo – é o encontro inicial com a magia da palavra-ato, que passa a ganhar, então, um significado específico. Sinto que se pudéssemos chamar cada coisa pelo seu nome mais primitivo, atrás de todas as suas mil faces, pelo seu nome original e mágico, despertaríamos o seu mais puro sentido.





Estamos hoje reunidos face à abertura de um novo curso em um Centro Universitário. Esse vocábulo, “universidade”, tem origem em dois termos do latim; “*universus*”, que significa “o inteiro”, “o todo”; e o passado particípio de “*vertere*”, que quer dizer “voltar”, “virar”. As universidades, que em sua forma clássica existem há um milênio, são, portanto, instituições que simbolizam uma *vertere*, uma virada da humanidade em direção ao espaço intangível e infinito do saber, rumo ao *universus* do conhecimento.

Essa dimensão simbólica, porém, não é apenas abstrata. Ela se concretiza em cada espaço que habitamos. Por trabalhar em hospitais – que podem ficar bem sinistros à noite –, tenho a impressão de que certos lugares guardam uma espécie de alma, um temperamento próprio. Conhecer a história de um lugar é, de certo modo, começar a se conectar a ele. É com esse espírito que os convido a uma viagem ao passado, para entendermos um pouco mais da história do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, o UNI-RN.

Voltemos, então, a 1911. Nesse ano, foi criada a Liga de Ensino, responsável pela fundação e manutenção do UNI-RN, idealizada por Henrique Castriciano. Esse macaibense, acometido por um bócio e pela famigerada tuberculose, não deixou que a fragilidade física apagasse seu vigor intelectual. Criou essa instituição sem fins lucrativos para auxiliar na Educação do Povo norte-rio-grandense. Segundo Henrique, a Liga de Ensino tornar-se-ia, com o passar dos anos, “um baluarte da resistência à incapacidade das políticas públicas no setor da educação popular”.

Essa é uma terra de um Deus-  
mar De um deus-mar que vive  
para o sol E esse sol está muito  
perto daqui Venha e veja tanto  
quanto pode se curtir

Linda terra para a mãe gentil

Belo cai o sol sobre esse rio

E esse rio também está perto  
daqui Venha e veja como é belo o  
nosso Potengi

Pedro Mendes

E aqui estamos, meus amigos. Hoje. Um milênio após a fundação da primeira Universidade, enquanto humanos, ainda curvados a todos os mistérios do Universo que ignoramos. Aqui estamos.

Um século depois de Castriciano, que, com seus olhos marejados de sonhos, ousou revolucionar a educação do nosso estado.

Mas além da Liga de Ensino, há algo mais que precisamos lembrar: aquelas duas letras que vêm depois do UNI - o R e o N. O Estado do Rio Grande do Norte... Com seu formato paquidérmico, privilegiada posição geográfica, terra de sol, sal e camarão. Orgulhoso Rio Grande do Norte: pequeno em área, mas bravo como a tribo Potyguara! Somos símbolo de excelência, resistência e boa execução. Que o UNI-RN siga enaltecendo esse nosso elefante bravo no cenário do Brasil e do mundo.

Se até aqui falamos de ideias e símbolos, conceitos e raízes, é hora de dar a vocês carne e osso. Permitam-me narrar uma breve crônica sobre um médico diretamente ligado ao UNI-RN.

Imagine o cenário. 1966, hospital regional no interior do Estado, com pouquíssimas condições. Dia de sol, um sábado à tarde, quando apenas um médico, sozinho, via-se de plantão para atender a toda a demanda dos finais de semana. Um homem chega, trotando a cavalo, desesperado, pedindo socorro para sua mulher, perto dali, que estava prestes a morrer por sangramento vaginal.

– Depressa, despachem uma ambulância, grita o médico, com a adrenalina a embargar a voz.

*Se alguém já lhe deu a mão e não  
pediu mais nada em troca Pense bem,  
pois é um dia especial*

*Eu sei, não é sempre que a gente  
encontra alguém*

*Que faça bem, que nos leve desse  
temporal*

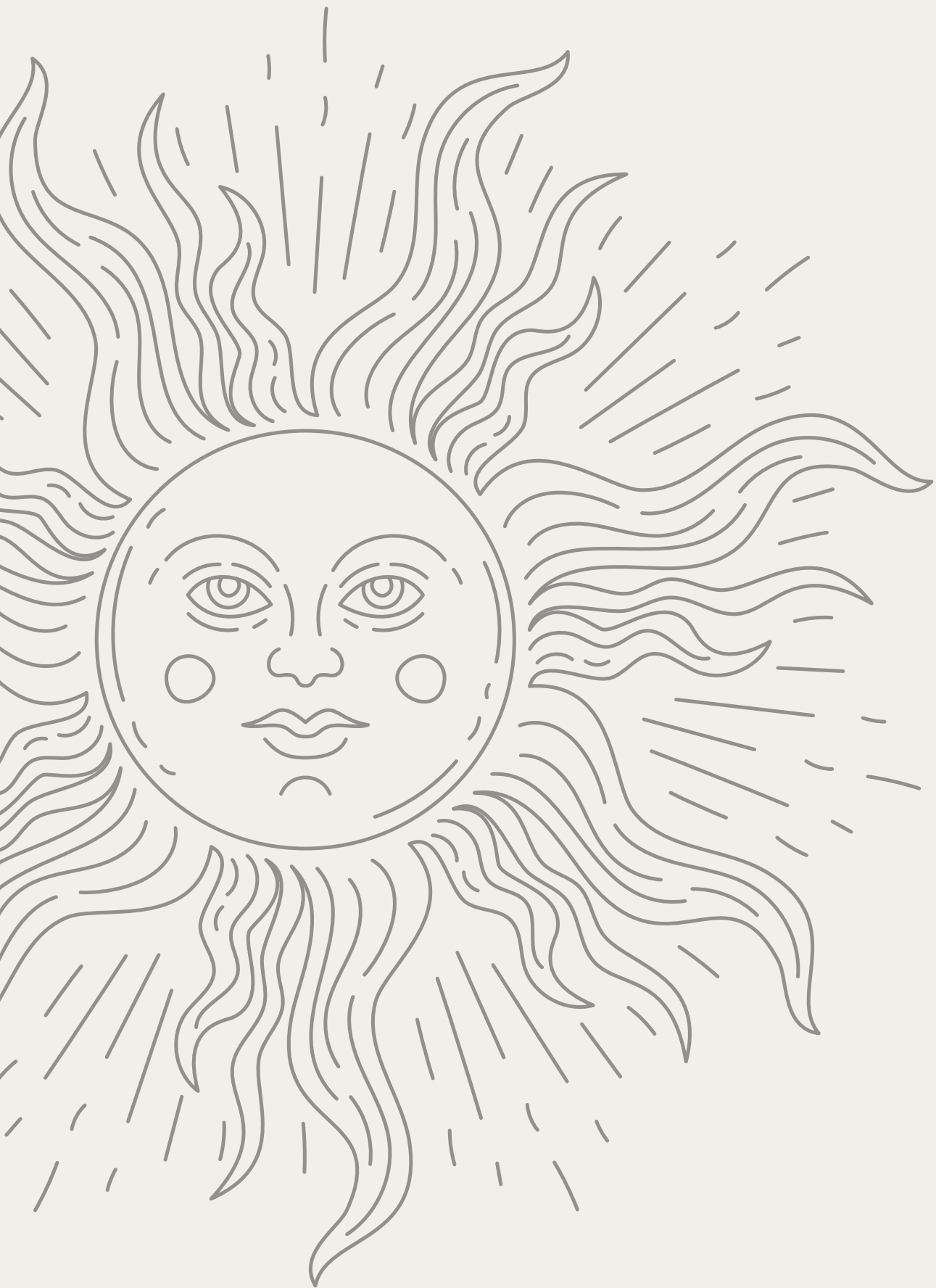
*Diogo Dore*



Sirenes vão e voltam. Da ambulância sai uma mulher, muito pálida, fantasmagórica, sonolenta, sem sequer forças para falar, enrolada por toalhas e lençóis empapados de sangue. O diagnóstico era claro: abortamento incompleto. Correria; soros abertos, feitos os remédios, mas a pressão baixa da mulher não melhorava de jeito nenhum. Estava prestes a morrer. Não havia como transferi-la para um lugar onde houvesse banco de sangue - a esposa do cavaleiro morreria no caminho. O médico, então, não hesita.

Deita-se em uma maca; ensina, na beira do leito, uma auxiliar a coletar 500 mL do seu próprio sangue; levanta-se e faz a transfusão. A pressão da paciente melhora um pouco - era a janela de oportunidade que o doutor, agora com um curativo no braço, ansiava, a janela que precisava para fazer a curetagem, estancar o sangramento e salvar uma vida.

Alguns dias depois, ainda fraca, aquela mulher recebeu alta. Agradeceu ao Dr. Daladier Pessoa Cunha Lima, médico e atual reitor do UNI-RN, que pegou sua alma nas mãos, apagou as velas e devolveu-lhe a vida, naquela ocasião prestes a escapar por um triz. Em paz, a mulher voltou para casa, disposta a cuidar e a amar seus dois outros filhos - que não viverão sozinhos, graças à coragem de um médico-educador que literalmente deu de si para salvar outro ser humano.



## Ato Dois - Horizonte

Toda a história da humanidade mostra que as aquisições dos homens provêm do seu lado egoísta, conquistador e cruel. Na luta pela sobrevivência humana, matar passou de necessidade alimentar a exercício de poder para acumular riqueza ou status. Quanto maior o poder, maior a capacidade de machucar impunemente. Todos os dias, políticos e ditadores oferecem exemplos de tal conduta, em guerras cuja única intenção é a de gratificar egos delirantes.

A Medicina, porém, nasceu na contramão dessa antropofagia. Quando a Medicina surgiu com o primeiro cavernícola que socorreu seu semelhante ferido, ou com a primeira parteira que auxiliou um nascimento, já surgiu como ato de altruísmo. Perceba que a Medicina, assim como o amor de mãe ou de pai, nasce do instinto de ajudar. Ela é a mais ambiciosa de todas as profissões,



porque busca uma nova realidade: a de desenvolver e devolver a saúde a todos os ameaçados por fatores externos, internos ou pela própria espécie. Nesse sentido, a Medicina ultrapassa a si própria enquanto ciência e se coloca como um dos pilares da humanidade.

Contudo, nesse contexto, é necessário resgatar a boa medicina. Não viemos aqui falar só de flores e coisas belas, meus amigos. Não. Infelizmente, existe hoje, entre uma parcela dos médicos, no Brasil e no mundo, uma anomalia, uma aberração corrupta que eu chamo de Pacto da Mediocridade. Profissionais desinteressados, desatualizados, que vivem no conforto preguiçoso e torpe de suas escalas, às vezes torcendo para que um bom médico não apareça para despojá-los dali.

Como se isso não bastasse, há entraves novos, obstáculos modernos ao desempenho médico ideal. A Inteligência Artificial, por exemplo, desponta como potencial substituta de algumas ações profissionais. A precarização dos ambientes de trabalho, geralmente devida a gestões ineficazes, e as dificuldades econômicas impostas ao trabalhador liberal brasileiro (com pejotização e carga excessiva de impostos) são realidades contemporâneas que - aceitemos a realidade - não vão embora.



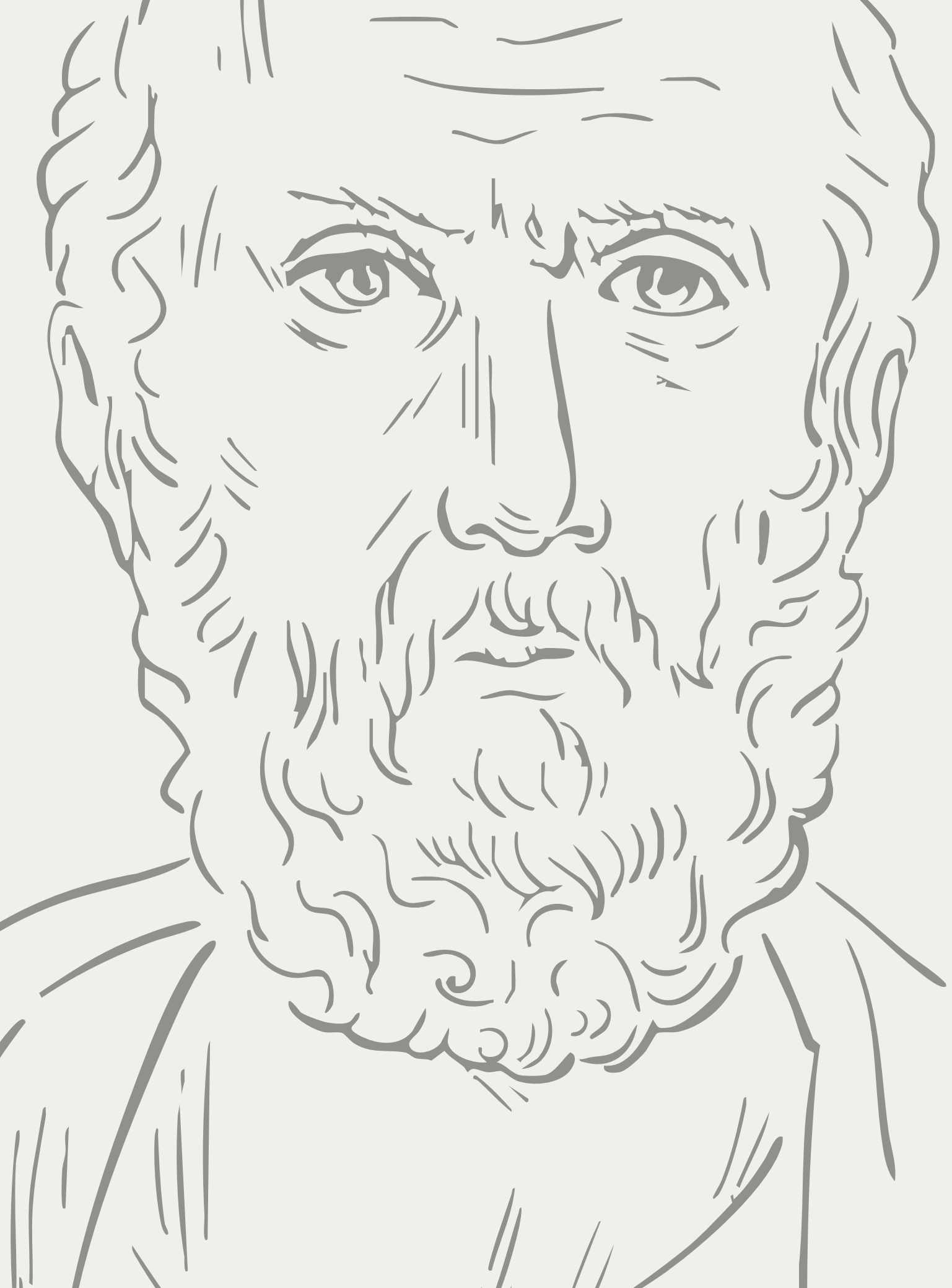
*Sim, todo amor é sagrado É o fruto do  
trabalho*

*É mais que sagrado Meu amor*

*A massa que faz o pão Vale a luz do  
seu suor Lembra que o sono é sagrado  
É alimenta de horizontes O tempo  
acordado de viver*

Só que aqui entra o contraponto da esperança: a missão do UNI-RN é acabar com esse pacto mequetrefe desde sua raiz. Formar profissionais que não temam a tecnologia, mas que a utilizem em seu favor. Que dominem, além da técnica, os aspectos financeiros, legais e emocionais da profissão. A mediocridade é uma escolha, e não fazer parte desse pacto também o é. Esse é o nosso horizonte.

Não se pode conferir a nenhum ser humano oportunidade, obrigação ou responsabilidade maior do que a de se tornar médico. Posso lhes dizer que a Medicina mais devolve do que tira. Meus pacientes me ensinam mil vezes mais do que tento transmitir aos meus estudantes. Meus estudantes me curam mil vezes mais do que consigo ajudar meus pacientes. Meus familiares e meus amigos me amam (portanto, me salvam) dez mil vezes mais do que alcanço retribuir. Se você amar a Medicina, o fruto do seu esforço será sagrado - e a recompensa virá naturalmente, antes mesmo que você a procure.



## Ato Três - Arte

Se o eixo que nos guia é a ruptura com a falência da medicina moderna, precisamos conversar sobre o que seria, afinal, essa boa medicina. Nessa Aula Magna, exponho meu teorema: três aforismos clássicos explicam o que é necessário para ser um bom médico.

O primeiro aforismo é a primeira regra de Hipócrates, o pai da medicina: “*ARS LONGA, VITAE BREVIS*”. A arte é longa e a vida é breve. O médico é um eterno estudante. Esse conceito é, ao mesmo tempo, estimulante e angustiante. Estimula porque sempre poderemos aplicar o conhecimento em expansão no tratamento dos pacientes. Angustia porque nós nunca saberemos tanto quanto precisamos saber. “Ainda que você estude Medicina por uma série de vidas, virão até você pacientes cuja doença é um mistério, pois essa angústia é parte integrante da nossa profissão de cura e deve ser vivida”.





Na verdade, sempre teremos um inimigo muito mais poderoso: a morte. Somos frágeis; a natureza, não... A arte é longa e a vida é breve, meus amigos. A arte permanece além de nós. Por isso, eu digo: se você é médico ou aspirante, estude, estude, estude e estude, e, ainda que eu repetisse esse comando mil vezes, pouco seria. O estudo deve ser parte de você, tão natural quanto respirar! Com frequência, ouço a pergunta: “Stone, por que você estuda tanto?”. Tem um amigo meu que até me acha inteligente, mas o que ele considera mais surpreendente é que eu continuo estudando como a maior anta do mundo. “Stone, por que você estuda tanto?” Respondo a vocês citando Noah Gordon: “Eu digo a mim mesmo que alguns poderiam ser salvos se eu soubesse mais”.

Regra número dois: “*Meder*”. Medicina vem do latim “*Meder*”, que significa “escolher o melhor caminho”. Sejam honestos: Medicina é uma profissão de muito poder. Na UTI, o médico pode segurar uma alma humana na palma da mão como quem segura uma joia; na rua, pode identificar uma alma escapando do mundo dos vivos e trazê-la de volta! Por isso, sempre que possível, escolha o melhor caminho. Escolha o melhor caminho para RESOLVER. Não seja um complicador, como infelizmente muitos médicos são. Somos médicos, não burocratas. Desenrole o carretel do seu paciente; facilite prescrições, pesquise o preço do remédio, veja se ele tem condições de comprar, converse sobre aplicação e armazenamento, envolva a equipe multiprofissional no cuidado. Escolha o melhor caminho para ACOLHER. Isso é o que considero mais bonito de toda a nossa profissão. Somos médicos, não juizes - nosso trabalho não envolve avaliar índole ou caráter, julgar se fulano tem ou não razão, mas sim aliviar o seu sofrimento.

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta

De uma gente que ri quando deve  
chorar É não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter  
raça É preciso ter gana sempre

Quem traz no corpo a marca, Maria,  
Maria Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter  
graça É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida

Hilton Nascimento

Você aprenderá, se escolher o caminho de não julgar, que a dor rouba a voz das pessoas. Maria Aparecida, por exemplo, é uma mulher obesa. Pela manhã, cuida do filho da patroa. À tarde, arruma a casa dos chefes e prepara a comida. À noite, pega os próprios filhos com a avó e ainda dá conta do churrasquinho que tem para complementar a renda. Mãe solteira, luta para sobreviver. E, no meio de tudo isso, a comida é o seu único prazer. Sua alegria. Se você não a escutar - de verdade - como poderá ajudar Maria a vencer o sobrepeso?

Terceiro e último aforismo: “*Primum Non Nocere*”. Primeiro, não façam mal. Com essa regra, quero alertá-los sobre algo muito importante: muitas vezes, nós aterrorizamos os nossos pacientes. Isso ocorre porque a relação médico-paciente é, por natureza, ASSIMÉTRICA. De um lado temos o pomposo e glorioso médico, com saúde, dinheiro e conhecimento. Do outro lado, atrás de uma mesa-infinita, temos o paciente, frágil, combalido, sem saber o que lhe acontece e muitas vezes sem condições financeiras para sequer adoecer. Lembrem-se: os pacientes vêm até nós, mas não se transformam em nós.

Como fazer debandar esse temor dos hospitais e dos médicos? Bem, escute o seu paciente... em tempo de inteligência artificial e amores volúveis, ouvir com atenção ainda é a principal técnica diagnóstica. Se ele ou ela discorre sobre suas outras dores, sobre seus problemas na família, no trabalho ou nas finanças, seja paciente e OUÇA. Nesse caso, você está tendo o privilégio de auscultar o coração do paciente sem estetoscópio; e, ao ouvir, vai tratar a dor de cabeça e a insônia dele mais do que qualquer



dipirona ou clonazepam. Examine o seu paciente... Dobre o seu jaleco até as mangas. Toque o ombro dele com gentileza. Primeiro, não faça mal. O seu paciente é humano. Ele tem medos e esperanças. Não se esqueçam disso. Toque é conforto; ouvido é carinho.

Atenção, atenção, pois vou repetir as três regras da boa medicina: (1) Arte longa, vida breve — não pare nunca de estudar; (2) Mederi — escolha o melhor caminho; não julgue, acolha e resolva; (3) Primeiro, não faça mal — ouça com atenção e conforto o seu paciente. Em síntese, todas as regras apontam para um único caminho. Se querem ser bons médicos, só existe uma resposta certa a “qualquer pergunta que lhes for feita enquanto profissionais. Por que você escolheu Medicina? Por que tanta abnegação? Para que tanto estudo e tanto sacrifício?

Resposta certa: Pelo Paciente! Pelo Paciente!

Dito isto, meus amigos, gostaria de reiterar o quanto acredito nessa nova geração de médicos do nosso país. Contem conosco para a manutenção da Medicina como uma alcateia do bem, destinada a proteger seus membros mais frágeis. Que a Medicina UNI-RN confirme e reprise, quantas vezes for necessário, qual é o trabalho de todo ser pensante que já pisou neste planeta: ser melhor hoje do que no dia anterior.



*Falar da cor dos temporais*

*Do céu azul, das flores de abril*

*Pensar além do bem e do mal Lembrar  
de coisas que ninguém viu*

*O mundo lá, sempre a rodar*

*E em cima dele tudo vale Quem sabe  
isso quer dizer amor Estrada de fazer  
o sonho acontecer*

*Hilton Nascimento*


Aos novos médicos do UNI-RN, desejo que embarquem nesta jornada como calouros e voltem Médicos, com M maiúsculo. Aprender Medicina é como aprender uma língua estrangeira. Vocês aprenderão novos verbos. Diagnosticar. Prescrever. Aconselhar. Prognosticar. Mas, acima de todos os verbos, há um que sustenta a Medicina: “compartilhar”. Compartilhar a dor de quem sofre, para que ela diminua. Compartilhar a alegria de ouvir o choro de um bebê que nasce. Compartilhar a incerteza sobre um diagnóstico que ainda escapa. Compartilhar as delícias e dissabores inevitáveis da vida, que nos lembram que ser médico é, antes de tudo, ser humano.

Futuro médico. Desejo que, ao assinar “doutor” ao final de um laudo, você se sinta competente e solidário. Que perceba que sua vida deixa marcas e que, na existência do outro, você participa! Que, ao cerrar seus olhos no ocaso da existência, você sinta, com fé inabalável e com paz luminosa, que ajudar o próximo valeu - e sempre valerá - a pena.

Contarei, agora, um último caso.

Durante a minha residência médica, no estágio de Cuidados Paliativos, atendi Cristina, mulher de 34 anos, com neoplasia de mama. Ela tinha duas filhas, uma de dez e outra de apenas quatro. O câncer já estava muito avançado e resistente à quarta linha de tratamento. Cada vez que a via, com a idade da minha irmã, o laço da proximidade e o nó na garganta se apertavam. Nesse dia, ela estava com uma dor muito, muito forte, e seria necessário aumentar a dose da morfina. “Doutor, não aumente o remédio”, ela me pediu. “Se você me der morfina eu vou dormir, e eu ain-





da quero ver minhas meninas”. Cristina não me falava isso com tristeza ou angústia. Não. Falava com resignação. “Eu aguento a dor”, completou. Respirei fundo, tentando conter as lágrimas, pois era nítida a esmagadora opressão que a dor lhe causava. Assenti, mal disfarçando a emoção, e disse que chamaria suas filhas. Ela percebeu meu embarço, sorriu com ternura e, do pico mais alto, do Everest da dor humana, me olhou com afeto. E me confessou as seguintes palavras, as últimas que dela ouvi: “Sabe, doutor, eu não tenho medo de morrer. Eu vivi. Minha mãe vai cuidar das minhas filhas. A mais nova vai ter a avó como mãe, e vai ser bem criada”. Pela primeira e única vez, em um mês de acompanhamento, vi, por uma fração de segundo, a sombra de uma dor muito mais profunda, inalcançável pela morfina, perpassar o seu rosto. “Minha tristeza, doutor, é pela minha menina mais velha. Ela tem dez anos. Vai sofrer, porque vai se lembrar de mim”.

Naquela tarde, Cristina me ensinou sobre dois tipos de amor. O primeiro, o amor materno. Eterno. Laço invisível que sustenta o futuro e protege a vida que ainda florescerá. O segundo, mais difuso, mas igualmente inquebrantável. O amor pela humanidade. O amor que nasce do encontro entre imperfeições humanas, entre seres que se reconhecem na dor... e, ainda assim se oferecem afeto.

A vida sem freio me leva, me arrasta,  
me cega No momento em que eu  
queria ver

O segundo que antecede o beijo

A palavra que destrói o amor Quando  
tudo ainda estava inteiro

No instante em que desmoronou

Palavras duras em voz de veludo E  
tudo muda, adeus velho mundo A um  
segundo tudo estava em paz

Cuide bem do seu amor Seja quem for



Encerro este discurso com um desejo: que o novo curso de Medicina do Rio Grande do Norte vá além dos limites do ensino; que seja a ciência-arte que, há milênios, congrega aquilo que é o sentimento mais humano de todos: o cuidado com o próximo.

No fim, a Medicina é sobre isso: estamos todos neste planeta. Todos vivemos. Todos morreremos. Mas, se pudermos auxiliar chegadas e partidas; se pudermos ser humildes e estender a mão ao próximo; se fizermos as escolhas corretas por pessoas, sem julgamento, apenas com técnica e afeto... Então, sim.

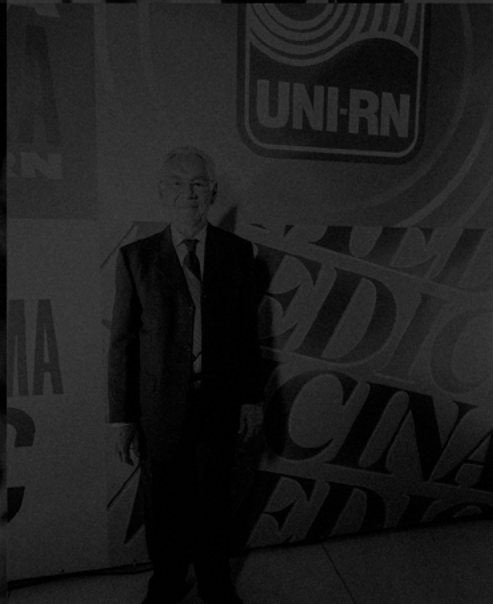
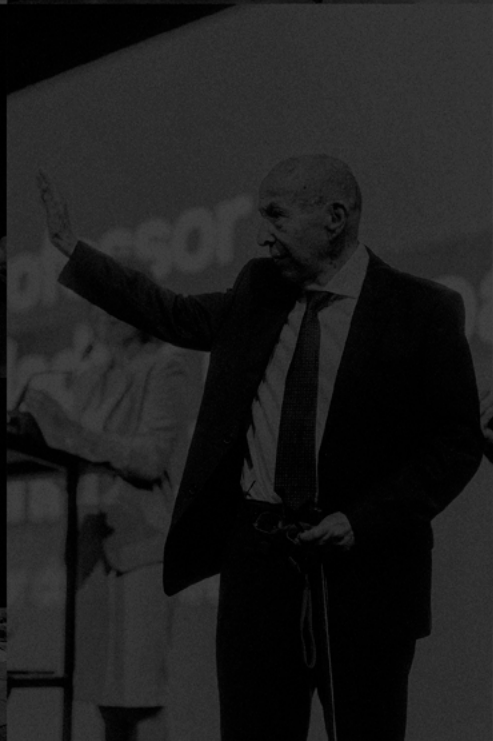
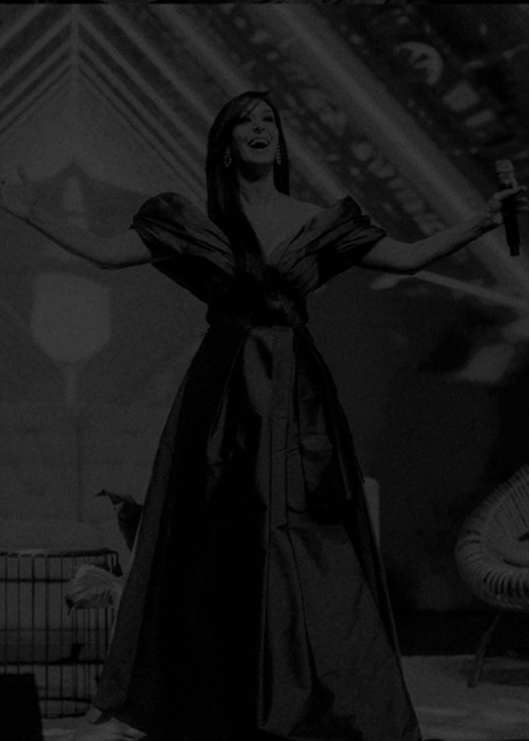
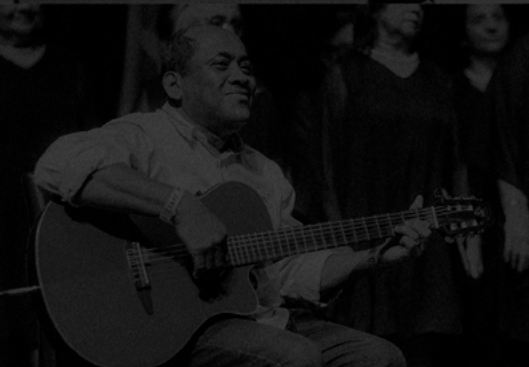
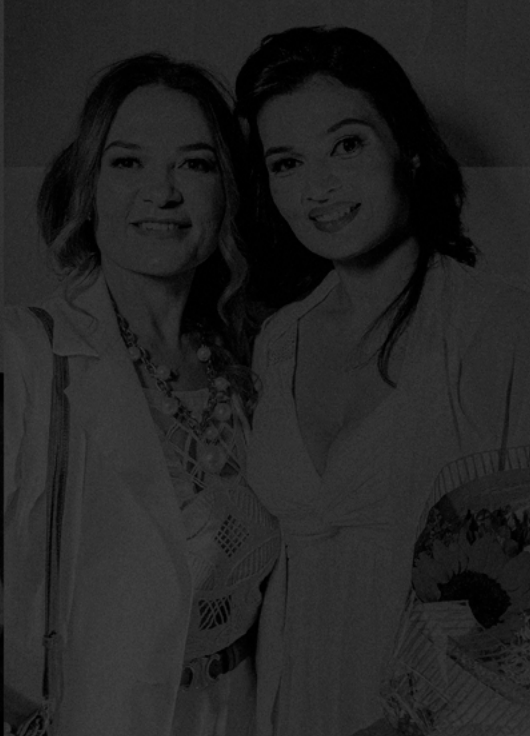
Aí teremos cumprido nossa palavra com a Arte da Medicina. Aí teremos feito a diferença que realmente importa.

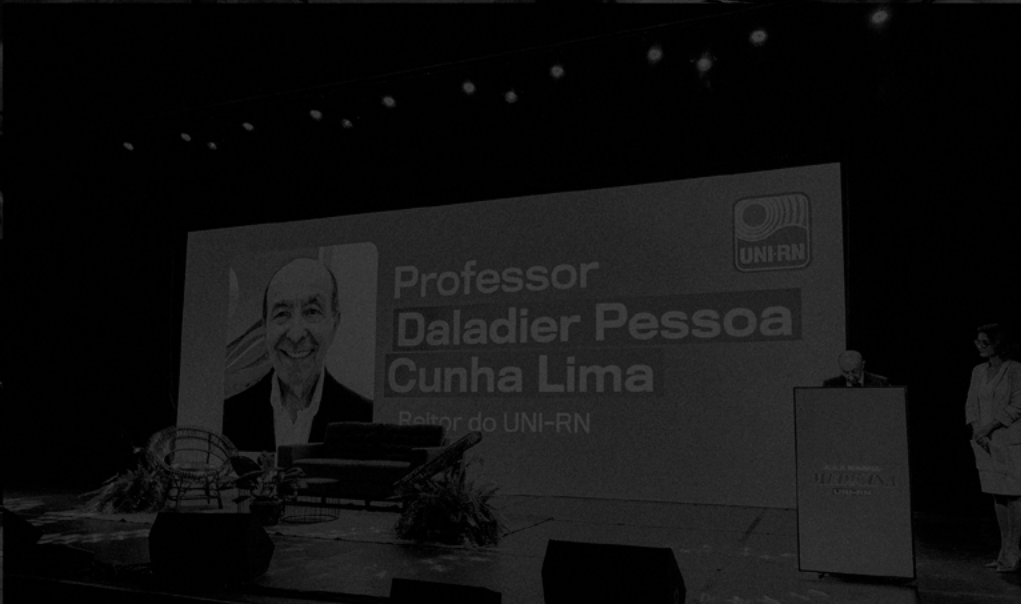
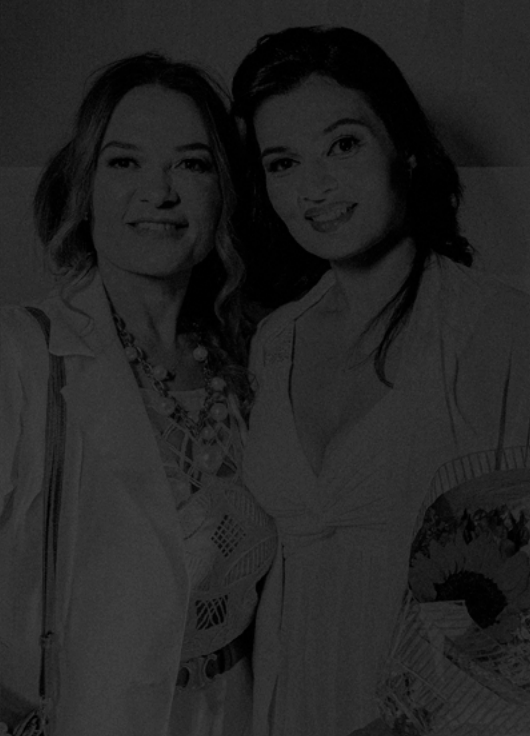
Muito obrigado!



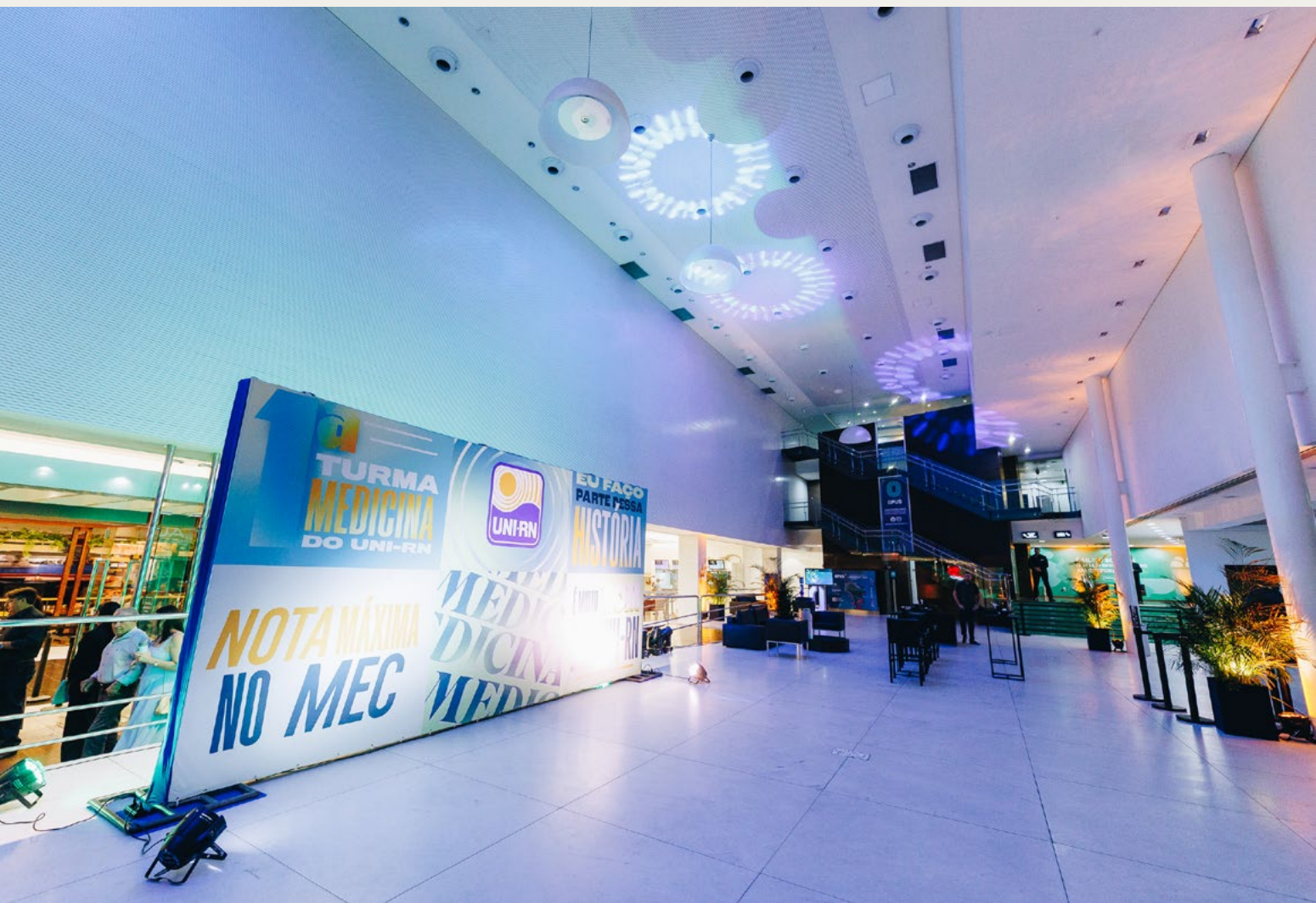
mentos *mentos* **mentos**

4.























































































ISBN 978-85-63455-74-1



9 788563 455741